



GEOGRAFIA E METODOLOGIAS ATIVAS: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O ESPAÇO E A FORMAÇÃO DO SUJEITO

Autoras:

Rafaela Marciano de Freitas¹

Coautora:

Rita Maria de Paula Garcia²

RESUMO

A pesquisa tem como foco analisar os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam o uso de metodologias ativas no ensino de Geografia, considerando sua contribuição para a construção de aprendizagens significativas, para o estímulo ao protagonismo estudantil e para a formação cidadã. Com abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, utiliza-se a análise de conteúdo conforme proposta por Bardin (2011), apoiando-se em autores como Freire (1987), Santos (2014), Callai (2005), entre outros. A investigação parte do reconhecimento de que as transformações no espaço geográfico e nas relações sociais exigem práticas pedagógicas que promovam uma leitura crítica da realidade. Nesse cenário, o ensino de Geografia se destaca por permitir aos alunos compreender as relações entre sociedade e natureza, possibilitando uma reflexão sobre o mundo em que vivem. Os resultados apontam que as metodologias ativas, alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), favorecem o engajamento dos estudantes, fortalecem seu vínculo com a escola e tornam o processo educativo mais relevante. Conclui-se que essas estratégias podem contribuir para a renovação das práticas pedagógicas em Geografia, diminuindo a evasão escolar e promovendo uma educação voltada à cidadania e à transformação da realidade social.

Palavras-chave: Metodologia ativa. Protagonismo estudantil. Espaço geográfico.

GEOGRAPHY AND ACTIVE METHODOLOGIES: A CRITICAL PERSPECTIVE ON SPACE AND SUBJECT FORMATION

ABSTRACT

This research focuses on analyzing the theoretical and methodological foundations that underpin the use of active methodologies in Geography teaching, considering their contribution to building meaningful learning, fostering student empowerment, and developing citizenship. Using a qualitative and bibliographic approach, the research uses content analysis as proposed by Bardin (2011), drawing on authors such as Freire (1987), Santos (2014), Callai (2005), and others. The research is based on the recognition that transformations in geographic space and social relations require pedagogical practices that promote a critical reading of reality. In this context, Geography teaching stands out for enabling students to understand the relationships between society and nature, enabling reflection on the world in which they live. The results indicate that active methodologies, aligned with the guidelines of the

¹ Professora de Educação Básica - Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso, Especialista do Curso Metodologia do Ensino de História e Geografia, da Universidade UNINTER - PR, rafaela.freitas@unemat.br, <https://orcid.org/0009-0000-3207-1717>, <http://lattes.cnpq.br/4408720411229437>.

² Coautora: Professora Adjunta do Curso de Turismo – UNEMAT, Doutora em Geografia, UFF, Brasil, ritagarcia@unemat.br, <https://orcid.org/0000-0003-4435-2342>, <http://lattes.cnpq.br/4260234318707162>.



National Common Curricular Base (BNCC), promote student engagement, strengthen their bond with the school, and make the educational process more relevant. It is concluded that these strategies can contribute to the renewal of pedagogical practices in Geography, reducing school dropout rates and promoting education focused on citizenship and the transformation of social reality.

Keywords:

Active Methodologies. Student agency. Geographic space.

INTRODUÇÃO

Ensinar Geografia hoje exige mais do que transmitir conteúdos prontos ou mapas decorados. Vivemos em um mundo marcado por transformações aceleradas, conflitos territoriais, desigualdades sociais e ambientais que afetam diretamente o cotidiano das populações. Assim, repensar as práticas pedagógicas no ensino de Geografia torna-se urgente, especialmente quando se espera formar estudantes reflexivos, autônomos e socialmente engajados. O ensino por projetos, sala de aula invertida, Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), aulas de campo, entre outras metodologias ativas, propõem uma mudança de foco: o aluno deixa de ser um receptor passivo de informações e passa a ser protagonista do próprio aprendizado.

Essas abordagens valorizam a vivência dos estudantes, o diálogo, a construção coletiva do conhecimento e a articulação com a realidade em que estão inseridos. Tal perspectiva está em consonância com Vesentini (2004), ao defender um ensino de Geografia crítico, fundamentado na tradição da Geografia Crítica — que, inspirada em autores como Santos (1996) e Carlos (2007), compreende o espaço como uma construção social permeada por contradições —, mas também um ensino crítico de Geografia, entendido como prática pedagógica problematizadora, capaz de superar o conteudismo e favorecer a reflexão, a autonomia e a intervenção consciente dos alunos no espaço em que vivem.

Ao serem aplicadas ao ensino de Geografia, as metodologias ativas permitem que o espaço seja compreendido não apenas como um conceito, mas como algo vivo, dinâmico, cheio de significados e relações.

As Metodologias Ativas propõem o rompimento com a concepção de ensino centrada na transmissão de conteúdos prontos, estimulando a autonomia, a criticidade e o protagonismo dos estudantes, que passam a construir o conhecimento em interação com o meio, com os colegas e com o professor (Cavalcanti, 2012, p. 115).

Este trabalho propõe um olhar crítico sobre a relação entre geografia e metodologias ativas, discutindo não apenas os potenciais benefícios dessas estratégias — como o desenvolvimento de habilidades socioespaciais, o fortalecimento do pensamento crítico e a



formação de sujeitos conscientes de seu papel na sociedade —, mas também os desafios e limitações que sua aplicação pode apresentar no contexto escolar.

Nesse sentido, Libâneo (2013) ressalta que a didática deve ter como eixo central a mediação entre professor, aluno e conhecimento, favorecendo práticas que promovam a participação ativa dos estudantes e a aprendizagem significativa.

Dessa forma, busca-se construir uma análise equilibrada, que reconheça avanços e dificuldades, para somente então apontar contribuições possíveis ao ensino de Geografia. A formação contínua de qualidade dos educadores é de fundamental importância quando se fala do uso de metodologias ativas nas aulas de Geografia, visto que tem como alternativa colocar o estudante como foco do processo de aprendizagem, sendo ele o protagonista e desenvolvendo autonomia para construção do conhecimento.

O investimento no desenvolvimento profissional dos professores garante que eles estejam atualizados em relação a melhoria de suas práticas de ensino, em que as inovações educacionais resultem em um ensino de qualidade. O professor deve assumir seu papel de detentor do conhecimento, porém atuar como um facilitador e mediador e estar preparado para lidar com as situações que possam acontecer na sua gestão da sala de aula. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

Sabe-se, no entanto, que a formação inicial e continuada do professor tem de ser assumida como compromisso integrante do projeto social, político e ético, local e nacional, que contribui para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e capaz de promover a emancipação dos indivíduos e grupos sociais. (Brasil, 2013, p.58).

A formação continuada representa um eixo central para que o professor se mantenha atualizado e desenvolva práticas pedagógicas inovadoras, mas seu alcance vai além da atualização de conteúdos. Trata-se de um processo que reforça o papel do docente não apenas como transmissor de conhecimentos, mas como agente de transformação social.

Como ressalta Libâneo (2013), a formação docente deve ser compreendida como um processo permanente, que articula teoria e prática e se vincula a compromissos éticos e sociais da educação. Nessa perspectiva, a formação continuada não pode ser entendida como dever exclusivo do professor, mas como uma responsabilidade compartilhada com as instituições de ensino e o Estado, que devem garantir condições estruturais, políticas e pedagógicas para o desenvolvimento profissional dos educadores.

A educação assume, portanto, um papel essencialmente emancipador, ao possibilitar que os sujeitos se tornem críticos, autônomos e participativos. Para isso, é fundamental que o professor esteja preparado para promover práticas pedagógicas inclusivas, que valorizem a



diversidade e incentivem a atuação consciente na sociedade. Nesse contexto, Freire (1987) destaca que o processo educativo deve ser entendido como um ato de conhecimento, no qual os indivíduos aprendem a interpretar a realidade com o objetivo de transformá-la.

No estudo da Geografia e na construção da autonomia do estudante, as metodologias ativas incentivam o estudante a ser o protagonista da construção do conhecimento, tornando o aprendizado mais dinâmico e contextualizado.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos da Educação e da Geografia Crítica, tais como: Santos (2006, 2014), Callai (2005), Cavalcanti (2012) e Vesentini (2004). A opção por uma investigação bibliográfica justifica-se pela necessidade de compreender os conceitos teóricos que sustentam o uso de metodologias ativas no ensino de Geografia, bem como suas implicações na formação de sujeitos críticos e participativos.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já publicado, constituindo-se principalmente de livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos oficiais. Essa modalidade de pesquisa permite aprofundar a compreensão sobre os fundamentos que sustentam determinadas práticas educacionais e identificar reflexões relevantes já consolidadas no campo científico.

Para a análise e discussão dos dados, será utilizada a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que consiste em um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas de descrição do conteúdo das mensagens, com vistas à interpretação dos dados obtidos. Neste estudo, adotaram-se três etapas fundamentais da análise de conteúdo segundo Bardin (2011), a pré-análise, com a leitura flutuante do material bibliográfico selecionado; a exploração do material, por meio da categorização temática das ideias centrais relacionadas ao ensino de Geografia e às metodologias ativas; e o tratamento dos resultados e a interpretação, em que as categorias foram discutidas à luz do referencial teórico.

Os referenciais teóricos que embasam este estudo dialogam com a perspectiva freireana de educação crítica e emancipadora (Freire, 1987), com a concepção de espaço geográfico como construção social de Santos (2006), e com autores que discutem a formação de professores e metodologias ativas, como Moran (2015), Libâneo (2013), Zabala (1998), e Callai (2005).



Ao defender a prática educativa como um encontro dialógico entre educador e educando, Freire (1987) enfatiza que o aprendizado deve ser construído de forma conjunta, levando em consideração a realidade vivida pelo estudante. Essa perspectiva norteia a escolha metodológica deste trabalho, pois reforça a necessidade de utilizar estratégias que coloquem o aluno como protagonista de sua aprendizagem, incentivando a participação ativa e crítica no processo educacional.

Além dos autores citados, serão analisadas as diretrizes curriculares nacionais, especialmente a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que orienta o ensino de Geografia na Educação Básica, valorizando competências como a leitura crítica da realidade, a valorização da diversidade e o protagonismo estudantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se em autores que discutem a importância da formação crítica do sujeito no processo educativo, articulando o ensino de Geografia às metodologias ativas. Nesse sentido, destacam-se as contribuições de Freire (1987), Santos (2006), Moran (2015), Hernández (2000), Callai (2005) e Zabala (1998). Para Freire (1987), a educação deve ir além da simples transmissão de conhecimentos, configurando-se como um processo de conscientização em que o estudante é um agente ativo da construção do saber a partir de sua realidade concreta.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Santos (2006), que compreende o espaço como uma construção social, e com as propostas de Moran (2015), Hernández (2000) e Zabala (1998), que ressaltam metodologias inovadoras voltadas para o protagonismo estudantil. No campo específico do ensino de Geografia, Callai (2005) defende a formação cidadã como um dos eixos centrais, destacando o papel da disciplina na leitura crítica do espaço e na participação social.

Para Freire (1987), a prática educativa deve ser dialógica e problematizadora, o que promove o desenvolvimento do pensamento crítico e a transformação social. Como ele mesmo afirma: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire 1987, p. 29).

Santos (2006), por sua vez, amplia essa perspectiva ao considerar o espaço geográfico como uma produção social resultante das múltiplas relações entre os sujeitos e o território. Para Santos, compreender o espaço é essencial para entender as desigualdades e contradições presentes na sociedade. Ele destaca que “o espaço é uma construção social que traduz as



relações de poder e a dinâmica das forças econômicas, políticas e culturais” (Santos, 2006, p. 45).

As metodologias ativas aparecem como estratégias pedagógicas que colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, promovendo sua participação efetiva e a construção coletiva do conhecimento. Moran (2015) destaca que metodologias ativas como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), projetos e a sala de aula invertida contribuem para o engajamento dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e contextualizado.

Conforme argumenta Hernández (2000), essas metodologias favorecem o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo estudantil, essenciais para formar sujeitos críticos e atuantes na sociedade. Callai (2005) reforça a necessidade de que o ensino de Geografia parta da realidade dos estudantes para que os conteúdos se tornem relevantes e possam contribuir para a formação cidadã.

“A Geografia precisa ser entendida como ciência da ação e da transformação social. Ao ser ensinada de forma crítica, ela contribui para a formação de sujeitos capazes de ler e intervir no mundo, reconhecendo as contradições do espaço em que vivem” (Callai, 2005 p. 30).

Callai (2005) defende um ensino de Geografia que ultrapasse os limites do conteúdo descritivo e se constitua como uma prática de formação crítica e cidadã. Para ela, o espaço geográfico não é apenas um dado físico a ser memorizado, mas um campo de disputas, construções sociais e relações de poder que precisam ser compreendidos pelo estudante de forma ativa e reflexiva. Callai (2005) propõe que a Geografia deve ser voltada à ação e à transformação social, defendendo uma abordagem que valorize a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento.

Ao propor uma geografia voltada à ação e à transformação social, Callai (2005) corrobora com o objetivo deste estudo, que busca compreender como as metodologias ativas podem contribuir para o fortalecimento do pensamento crítico e da autonomia discente. Ainda segundo Callai (2005), quando os estudantes são incentivados a investigar, debater e produzir saberes sobre seu espaço de vivência, eles se apropriam do conhecimento geográfico como uma ferramenta para compreender e interpretar criticamente o mundo.

Nessa perspectiva, o ensino de Geografia assume uma dimensão dialógica e participativa, voltada à formação de sujeitos capazes de intervir na realidade em que estão inseridos. A partir do momento em que o aluno é incentivado a investigar, debater e produzir saberes sobre seu espaço de vivência, ele se apropria do conhecimento geográfico como uma



ferramenta para a leitura crítica do mundo. Assim, o ensino se torna uma prática viva, dialógica e comprometida com a formação dos sujeitos.

“O espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Não é algo neutro, mas produzido socialmente, e, por isso, carrega marcas de interesses, conflitos e desigualdades” (Santos, 2014, p. 62). A visão de Santos (2014) sobre o espaço é fundamental para repensar o papel do ensino de Geografia na escola contemporânea. O ensino de Geografia voltado à investigação e à produção de saberes permite que os estudantes se apropriem do conhecimento geográfico como uma ferramenta para compreender e interpretar criticamente o mundo.

Nessa perspectiva, a abordagem pedagógica enfatiza a participação ativa dos alunos, integrando teoria e prática a partir da realidade concreta em que vivem. A abordagem das metodologias ativas no ensino da Geografia tem sido associada à promoção do pensamento crítico e da autonomia dos estudantes. Ao colocar os alunos como protagonistas do processo de aprendizagem, essas estratégias permitem a articulação entre a teoria e a prática, favorecendo a compreensão dos fenômenos espaciais e sociais a partir de experiências concretas. Segundo Saviani (1991, p. 45), “a educação deve possibilitar ao estudante ser protagonista de sua aprendizagem, desenvolvendo sua capacidade crítica e reflexiva frente à realidade social em que está inserido”.

Complementando essa perspectiva, Freire (1996, p. 72) afirma que “a prática pedagógica deve ser problematizadora, permitindo ao aluno analisar, compreender e intervir em seu contexto social, tornando-se sujeito de sua própria aprendizagem”. Dessa forma, as metodologias ativas contribuem para a formação de sujeitos críticos e capazes de intervir de maneira significativa em seu espaço social e educativo.

As metodologias ativas promovem a aprendizagem por meio de experiências significativas, nas quais os estudantes são incentivados a construir conhecimentos a partir de problemas reais e contextos de sua vivência, Zabala (1998), valorizando assim a investigação, a colaboração e o diálogo, rompendo com práticas tradicionais centradas na memorização e estimulando a reflexão sobre o espaço e a sociedade.

Além disso, a integração entre teoria e prática permite que os alunos compreendam a Geografia não apenas como um conjunto de conceitos, mas como uma ferramenta para a análise e intervenção no mundo. Freire (1996) enfatiza que a educação deve ser um processo dialógico, no qual o conhecimento é construído de forma participativa, tornando os estudantes protagonistas de sua própria aprendizagem e conscientes de seu papel social.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pré-análise, observou-se nos textos de Freire (1987; 1996), Santos (2006; 2014) e Callai (2005) um destaque consistente para o caráter crítico e emancipador da educação. Esses autores ressaltam a importância de práticas pedagógicas que não se limitem à transmissão de conteúdos, mas que promovam a reflexão, a autonomia e a participação ativa dos estudantes, preparando-os para compreender e intervir na realidade social e no espaço em que vivem.

No que diz respeito ao tratamento dos resultados e interpretação, revelaram que as metodologias ativas, quando aplicadas ao ensino de Geografia, favorecem a autonomia discente. A análise das fontes e dados bibliográficos revelam que a implementação das metodologias ativas no ensino de Geografia promovem mudanças significativas na postura dos estudantes diante do conhecimento e do espaço social, estimulando a autonomia, o pensamento crítico e a capacidade de intervenção na realidade.

Essa perspectiva está em consonância com Freire (1996), que defende práticas pedagógicas problematizadoras; Saviani (1991), que ressalta a centralidade do estudante como sujeito da aprendizagem; Vesentini (2004), que enfatiza o ensino de Geografia crítico e transformador; Callai (2005), que destaca a mediação didática e a valorização das experiências dos alunos; além de Santos (2006), que relaciona a compreensão do espaço à formação social e cidadã.

Ao adotar práticas como a aprendizagem baseada em projetos, a sala de aula invertida, a investigação guiada e as aulas de campo, os alunos deixam de ser receptores passivos para se tornarem protagonistas do processo educativo, o que contribui para uma maior apropriação do conteúdo e desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas. Conforme Moran (2015), essas estratégias elevam o nível de engajamento e favorecem a construção de saberes contextualizados.

A análise bibliográfica indica que, conforme Vesentini (2004), o ensino de Geografia não se limita à memorização de conteúdos, mas deve permitir que os estudantes compreendam o espaço em que vivem e intervenham nele de forma crítica e consciente. Essa concepção dialoga com Santos (2006; 2014), que entende o espaço geográfico como uma construção social marcada por relações de poder, desigualdades e dinâmicas socioespaciais.

Assim, os resultados sugerem que a aplicação de metodologias ativas aproxima os alunos de suas próprias experiências, favorece a percepção das relações entre sociedade e



natureza e contribui para a formação crítica, estimulando autonomia, reflexão e capacidade de intervenção na realidade.

Essa perspectiva ressalta o papel social da Geografia no processo educativo, ao aproximar os estudantes de suas próprias experiências e permitir que compreendam as relações entre sociedade e natureza, bem como as desigualdades que se manifestam no espaço. Dessa forma, a disciplina contribui para a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de interpretar a realidade e intervir nela de maneira reflexiva e responsável.

Callai (2005) aponta que o ensino baseado em metodologias ativas, ancoradas em temas extraídos da realidade local, favorece a problematização crítica, estimulando a reflexão sobre questões socioambientais e territoriais que impactam diretamente a vida dos estudantes.

Conforme Callai (2005), ao trabalhar com temas extraídos da realidade local, o ensino de Geografia baseado em metodologias ativas não apenas aproxima o estudante do conteúdo, mas também estimula sua participação ativa na construção do conhecimento. Essa perspectiva dialoga com Santos (2006; 2014), que entende o espaço geográfico como resultado das relações sociais e das desigualdades existentes, e com Freire (1987), para quem a educa. Essa abordagem favorece a construção de conhecimentos que não são apenas teóricos, mas também aplicáveis à vida real, promovendo uma aprendizagem contextualizada e engajada.

A pesquisa bibliográfica, revelou que a implementação eficaz de metodologias ativas no ensino de Geografia depende fortemente da formação profissional docente. Nesse sentido, Nóvoa (1992) enfatiza que o desenvolvimento profissional está diretamente ligado à capacidade de inovação e à construção de práticas pedagógicas eficazes. Professores que participam de processos formativos contínuos estão mais aptos a enfrentar os desafios da sala de aula, promovendo ambientes de aprendizagem participativos e inclusivos, nos quais os estudantes se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado.

Contudo, para que essa formação seja efetiva, é necessário que haja incentivo institucional e apoio do sistema educacional, garantindo condições estruturais, políticas e pedagógicas adequadas para o desenvolvimento profissional dos docentes.

Assim, a adoção de metodologias ativas pode contribuir para consolidar uma prática pedagógica mais significativa, crítica e transformadora, alinhada à formação integral dos sujeitos, em consonância com os princípios da Geografia Crítica e da educação para a cidadania Libâneo (2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



As análises realizadas evidenciam que as metodologias ativas constituem uma estratégia eficiente para promover a participação dos estudantes no processo de aprendizagem. Ao estimular a investigação, a reflexão e a produção de saberes, essas práticas favorecem não apenas a apropriação do conhecimento geográfico, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como autonomia, pensamento crítico e colaboração.

Nessa perspectiva, a aprendizagem deixa de ser meramente passiva e memorística, assumindo caráter participativo e voltado à compreensão e intervenção na realidade concreta em que os estudantes estão inseridos.

As metodologias ativas possibilitam que o aluno seja protagonista da sua construção de conhecimento, desenvolvendo competências críticas e cidadãs que são essenciais para a atuação consciente na sociedade contemporânea.

Portanto, percebe-se que a integração entre teoria e prática, característica das metodologias ativas, contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados, capazes de compreender e intervir em seu espaço social. Ao aproximar o conteúdo escolar da realidade concreta dos estudantes, o ensino de Geografia deixa de ser uma disciplina abstrata e passa a se tornar uma ferramenta de análise crítica do mundo. Nessa perspectiva inspirada em Freire (1987), o ensino de Geografia deve possibilitar que os estudantes se tornem sujeitos conscientes e transformadores, capazes de compreender e intervir no espaço em que vivem.

A formação continuada dos professores, apoiada por incentivos institucionais, é essencial para a aplicação eficaz das metodologias ativas no ensino de Geografia. Ao atuar como mediador e facilitador, o docente promove práticas que valorizam a participação, a diversidade e a reflexão crítica, alinhando-se ao compromisso social e ético previsto na LDB (Brasil, 2013) e contribuindo para a formação de cidadãos críticos, autônomos e capazes de intervir conscientemente na realidade.

Por fim, os resultados indicam que a adoção de metodologias ativas exige um planejamento cuidadoso por parte dos educadores, bem como a construção de ambientes de aprendizagem flexíveis e inclusivos. A formação docente voltada para práticas participativas se mostra fundamental para que os benefícios dessas metodologias sejam plenamente alcançados, garantindo que o ensino de Geografia cumpra seu papel social de transformação e emancipação dos sujeitos.

Finalmente sugere-se que futuras pesquisas realizem investigações empíricas em diferentes contextos escolares para aprofundar a compreensão sobre as potencialidades e limitações das metodologias ativas no ensino de Geografia, contribuindo para o



aprimoramento das práticas pedagógicas e para a construção de uma educação crítica, inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação básica. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

CARLOS, Wanderley. **Didática e prática de ensino**. São Paulo: Cortez, 2007.

CALLAI, Helena Copetti. O espaço geográfico: ensino e representação. In: CASTELLAR, Sonia Regina de Mendonça; CALLAI, Helena Copetti (org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano escolar. São Paulo: Contexto, 2005. p. 25–92.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel; TREVISANI, Fernando. **Metodologias ativas para**



uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 15–36.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1991.

VESENTINI, José William. **Geografia crítica e ensino.** São Paulo: Contexto, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.